**Introdução**

O município de Petrópolis, Região Serrana do Rio de Janeiro, possui cerca de 70% do seu território protegido por unidades de conservação (FREITAS et.al., 2020), onde as atividades que contribuem com a geoconservação podem ser observadas historicamente com a prática do montanhismo, entendido com uma prática esportiva e de lazer que se caracteriza pela ascensão em montanhas e elevações rochosas, por meio de caminhadas ou escaladas, com diferentes graus de dificuldade e tempo de duração. Tais atividades, a partir dos percursos realizados em trilhas, podem gerar as mais variadas formas de apropriação por diferentes pessoas e grupos. Uma dessas formas de apropriação está nos nomes de feições naturais inseridas nas trilhas, tais como os rios e os cumes, tidos como topônimos ou nomes geográficos. Nesse sentido, esses nomes geográficos podem ser incorporados de diferentes formas, seja na cartografia da área ou na apropriação verbal realizada pela população local, o que nos leva ao debate sobre Toponímia e Geodiversidade em trilhas.

Enquanto a Geodiversidade pode ser apontada como o equivalente abiótico da biodiversidade, a toponímia é a ciência dedicada ao estudo dos nomes geográficos, constituindo-se como um ramo da Onomástica, área de estudo dos nomes próprios (SANTOS, 2008; SOUZA, 2014). Rostaing (1948) definiu toponímia como uma “ciência que se propõe a procurar a origem dos nomes dos lugares e também a estudar suas transformações”. Menezes e Santos (2006) apontam que os nomes geográficos são como testemunhos do povoamento e ocupação, registrando e sinalizando as ações de diferentes povos, culturas e grupos linguísticos. Corrêa (2007) afirma que o topônimo, outro termo para expressar nomes geográficos, constitui-se como importante marca cultural, expressando uma forma afetiva de apropriação do espaço por um determinado grupo cultural, sendo uma marca identitária importante.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo apresentar discussão sobre interpretação ambiental, a partir da Geodiversidade na trilha conhecida como “Meu Castelo” ou “Castelinho”, bem como esses topônimos e suas representações, sejam em documentos cartográficos oficiais, seja na percepção daqueles que frequentam o espaço.

A trilha em questão fica situada na localidade conhecida como “Morin”, inserida nos limites do Parque Nacional da Serra dos Órgãos (Parnaso) e de fácil acesso à população (SANTOS et. al., 2020), sendo uma das mais procuradas no município (ver algum trabalho que traga referência sobre isso – talvez o da Luana). A figura 1 apresenta a localização e o contexto em que a trilha se insere.

Material e métodos

- aplicação do questionário;

- levantamento dos topônimos representados na carta topográfica do IBGE, escala 1:50.000 e base cartográfica do programa Open Street Map;

Resultados e discussão

**ÁREA DE ESTUDO**

**MEU CASTELO?**

***O nome Meu Castelo – Castelinho – deve-se à curiosa formação do cume (1.245 metros de altitude), parecido com um castelo de pedras. Ele é formado por blocos de granito com até 6 metros de altura, esculpidos pela ação da chuva e do vento.***

Do cume é possível observar toda a baixada da Guanabara e os maciços costeiros do Rio de Janeiro ao sul, e a cidade de Petrópolis ao norte. Assim, uma parte da chuva que cai aqui no Castelinho escoa para a Baía de Guanabara, enquanto outra parte segue para o rio Paraíba do Sul.

**ROCHAS ANTIGAS E RELEVO JOVEM**

Ao longo da trilha caminhamos sobre rochas com quase 800 milhões de anos, denominadas gnaisses, que podem ser facilmente reconhecidas por seu aspecto bandado (faixas claras e escuras). Elas são rochas metamórficas.

Conforme chegamos ao topo, observamos outro tipo de rocha, denominado granito, que é mais homogêneo. Sua idade foi calculada em cerca de 480 milhões de anos e é uma rocha ígnea.

Já o relevo da Serra do Mar foi formado há “apenas” cerca de 60 milhões de anos, a partir do surgimento das rochas existentes, que se formaram em profundidade. Alteração e erosão destas rochas durante milhões de anos esculpiram o relevo e as trouxeram à superfície da Terra para nossa apreciação.